

ENSINANDO E APRENDENDO HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A HISTÓRIA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO

TEACHING AND LEARNING HISTORY: AN EXPERIENCE WITH THE PUBLIC HISTORY IN THE MUNICIPALITY OF SÃO GONÇALO

Hosana do Nascimento Ramôa ²¹⁵

Resumo

O presente artigo pretende abordar a experiência em acompanhar um professor de história da cidade de São Gonçalo, idealizador de diversos cursos no campo da História da Arte no município, cujo projeto “Historiando as artes” será o foco de nossa investigação. Temos por objetivo, pois, analisar as práticas envolvidas no Ensino de História e na atuação docente que possibilitam a produção de presença, conceito teórico relacionado à materialidade dos corpos, dos objetos e do mundo. Mediante esse entendimento, traçaremos uma narrativa das aulas, que foram ministradas a uma turma bastante heterogênea, partindo do entrecruzamento entre História Pública e Ensino de História para pensar as possibilidades e potencialidades da relação entre essas duas áreas.

Palavras-chave: Historiando as artes. Ensino de história. História pública. Presença.

Abstract

The present article aims to approach the experience of accompanying a history teacher located in the city of São Gonçalo, idealizer of many courses in the area of Art History in the town, whose project “Historizing arts” will be the focus of our investigation. Our objective is, thus, to analyze the practices involved in the history teaching and in teacher performance, which allow the presence production, theoretical concept related to the materiality of bodies, objects and the world. Through this understanding, we will draw a narrative of the classes, taught to a very heterogeneous group, considering the intersection between Public History and History Teaching to think about the possibilities and potentialities of the relationship between these two fields.

Keywords: Historizing arts. History teaching. Public history. Presence.

²¹⁵ Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência & Cultura (CDC), da Faculdade de Educação da UFF (FEUFF). Área de pesquisa: Ensino de História. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil. Contato: E-mail: hosana.nramoa@gmail.com

Introdução

O presente trabalho²¹⁶ é fruto de uma pesquisa de mestrado em curso desde 2017, intitulada “Produção de presença e produção de sentido nas aulas de História (Tempo, formação e saberes no trabalho docente)”, sob a orientação do Prof. Dr. Everardo Paiva de Andrade, cuja defesa está prevista para o início do ano de 2019. Situado no Ensino de História, este estudo busca compreender as diferentes maneiras de mobilização dos saberes docentes pelos professores para tornar o passado presente. Para realizá-la acompanhamos três professores que residem ou ministram suas aulas no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, durante o período de três meses, gravando suas aulas em áudio e fazendo entrevistas individuais após o período de observação.

O trabalho de campo ocorreu em diferentes locais de ensinar e aprender História, mas vale ressaltar que nosso foco não era estudar as instituições às quais se vinculavam os professores, nem suas características, mas sim os “espaços” (CERTEAU, 1994) de atuação docente, ou seja, a ação dos professores junto a seus alunos, o que não precisa acontecer necessariamente na clássica representação da sala de aula dentro do ambiente escolar. Para chegarmos a essa distinção recorreremos à obra de Michel de Certeau (1994) a qual nos apresenta a diferenciação entre lugar e espaço, cujo conceito nos apropriamos para pensar o Ensino de História como um lugar associado à ideia de estabilidade e mobilidade parcial. Essa noção pode ser entendida, pois, como a posição ocupada por elementos numa relação de coexistência, posicionando-se ao lado uns dos outros, cada qual definido pelo lugar específico que ocupa – daí a máxima de que dois objetos não ocupam o mesmo lugar, ou como diria o historiador francês: “um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 1994, p. 201).

Diferentemente do lugar, porém, os espaços são configurados “pelas ações de sujeitos históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história)” (CERTEAU, 1994, p. 203). Assim, o espaço é

²¹⁶ Este trabalho foi apresentado no *Public History 2018: 4º Simpósio Internacional da Rede Brasileira de História Pública e 5º Encontro Anual da Federação Internacional de História Pública*.

relacionado ao tempo, à direção e à velocidade, sendo caracterizado por uma movimentação que se desdobra por operações que o temporalizam e circunstanciam, distanciando-o da estabilidade relacionada à noção de lugar.

Podemos dizer, aproximando essa diferenciação ao Ensino de História, que a concepção de lugar pode ser associada à ideia de território, assim como a definição prévia de espaço se vincularia às relações sociais, políticas e culturais que aí se desenrolam, conferindo ou mudando sentidos antes delimitados. Sendo assim, a aula de História situada numa sala de aula pode ser compreendida como um lugar enquanto ambiente físico, mas que se torna um espaço ao receber professores e alunos – um espaço marcado pela troca, pela ação docente e discente, pelo encontro, pelas vivências, pelos significados e sentidos que adquire.

A partir dessa perspectiva selecionamos, para este texto, o trabalho que o professor Carlos José Bernardo de Medeiros vem desenvolvendo na cidade de São Gonçalo, pois, além de professor da rede pública de ensino, ele é idealizador do projeto “Historiando as Artes” no mesmo município. O formato desse curso e sua abertura à população gonçalense nos instigaram a investigar como o Ensino de História e a produção de presença em suas aulas possuem a potencialidade de tornar a história pública.

O trabalho a seguir será dividido em quatro partes: na primeira traçamos um debate em torno da relação entre História Pública e Ensino de História; num segundo momento apresentamos o professor e seu trabalho; na terceira parte definimos a produção de presença (GUMBRECHT, 2010) e, na quarta, trazemos alguns trechos de suas aulas, bem como excertos de entrevista com uma de suas alunas, fazendo uma relação entre a possibilidade de tornar o passado presente para os alunos e como essa proximidade potencializa a História Pública.

Ensino de História: uma História Pública?

Iniciemos com algumas indagações: Podemos pensar o Ensino de História sob a perspectiva da História Pública? O Ensino de História estaria vinculado somente à

Academia e às escolas? Ou também podemos falar em Ensino de História em outros ambientes? E quanto ao público que aprende História: seria ele pré-determinado em função de sua idade, nível de ensino, ofício ou localidade em que vive? Essas inquietações têm se mostrado cada vez mais presentes em nossa pesquisa, principalmente com a ida a campo e análise *in loco* desses questionamentos.

Para ajudar a esclarecer algumas dessas questões Juniele Almeida e Marta Rovai, em seu texto “História pública: entre as ‘políticas públicas’ e os ‘públicos da história” (2013), demonstram que, ao nos referirmos à História comunicada ao público, estamos nos remetendo à ideia de que ao nos relacionarmos com o passado, pelos mais diferentes meios, estamos desenvolvendo “nosso senso do passado, colaborando para nosso posicionamento sobre o presente e o futuro frente a questões que dizem respeito a problemas sociais, tradições culturais, hábitos, demandas de gênero e de classe, e a demanda por políticas públicas” (2013, p. 4).

Vista por esse ângulo, a História Pública não pressupõe somente a divulgação de um determinado conhecimento, mas vai além, ou seja, está ligada a uma diversidade de disciplinas e de recursos, sendo, logo, um modo de fazer história. Ela contribui para a reflexão sobre a relação entre passado e presente, e, principalmente, para a reflexão da comunidade sobre sua história. Para as autoras, a História Pública também estaria no cerne do “desejo de pensar uma ponte de comunicação com a recepção social do trabalho acadêmico” (2013, p. 4).

O conceito de História Pública implica diversas tendências profissionais e acadêmicas, por isso é preciso enfatizar o compromisso e responsabilidade acadêmica e social, afinal, como afirmamos acima, ela está diretamente relacionada à maneira com que adquirimos nosso senso de passado. Contudo, ter uma história sendo feita fora da universidade não significa falta de compromisso e seriedade com a produção de saberes, pelo contrário, pode ser pensada antes como a potencialidade desse trabalho ser um agente de ampliação, e mesmo de popularização, do estudo da História.

Dessa forma, ao se reportar à História Pública como “um processo contínuo de publicação” (2011, p. 20), Sara Albieri nos traz a perspectiva da educação histórica a

partir de variadas formas de publicação, citando, como exemplo, a preservação de lugares de memória – como museus, monumentos e sítios arqueológicos – que colocam o público em contato direto com um passado que é tido como comum a todos. Outro indício desse mecanismo de disseminação da história, citado pela autora, é a divulgação científica através de documentários, quadrinhos, filmes e romances que se encontram na cultura de massa e que precisam de atenção devido aos conteúdos históricos que transmitem. Por último, e para além dos referidos elementos, temos ainda o próprio Ensino de História, cujo desenvolvimento Albieri vincula à disciplina do currículo escolar.

Aqui, entretanto, como mencionamos anteriormente, entendemos o Ensino de História como um “espaço” que permite a participação discente nas aulas e o desenrolar de sua reflexão crítica sobre o presente e sobre as diversas representações do passado, desvinculado, pois, de quaisquer instituições, e fortemente relacionado à ação docente. Compreendemos, portanto, a História Pública como um campo diverso e sofisticado, onde a interação entre a História e a dimensão pública da sociedade ocorre com a atuação da comunidade na formulação de narrativas sobre o passado. Sendo assim, ao considerarmos que os sujeitos inseridos no contexto do curso “Historiando as Artes” formam sentidos e consciências sobre a temporalidade em que vivem (o passado e seu lugar nesse meio, que não é propriamente o escolar) veremos uma relação entre o Ensino de História e o estudo que fazem dos diferentes campos de manifestação artística.

Historiando as Artes: uma experiência com a História Pública no município de São Gonçalo

Ao compreendermos as aulas de História como um espaço da atividade docente, trazemos para este texto o projeto cultural “Historiando as Artes”. Iniciado no ano de 1996, ele ocorre semestralmente desde então, através de cursos ministrados pelo professor Carlos José Bernardo de Medeiros. Idealizado pelo mesmo,

o curso é oferecido pela Prefeitura de São Gonçalo através da Secretaria Municipal de Educação no Centro de Formação Continuada Prefeito Hairson Monteiro.

Atualmente, são ofertados os cursos “Historiando a Artes”, cujo nome se assemelha ao do projeto, no espaço do ICBEU às quintas pela manhã; “Historiando Civilizações Antigas – Módulo Roma” às segundas à tarde no CES-S.G; “Historiando Arte Sacra” no CREFCON no turno da manhã às quartas-feiras; e “Historiando Igrejas do Rio de Janeiro – Módulo II” no CES-S.G às sextas de manhã.

Mesmo situados em lugares diferentes dentro do município, inclusive em um ambiente privado como o ICBEU, os cursos são gratuitos e livres, podendo ser frequentados por todos que se interessarem, independente de idade, formação ou localidade em que habite, ou seja, não são destinados apenas aos moradores de São Gonçalo. As ementas dos cursos, assim como as inscrições, o acesso ao material utilizado nas aulas, fotos de visitas e passeios, bem como dicas de filmes, documentários, roteiros das visitas a serem feitas e a agenda das aulas podem ser acessados pelo site <www.historiandoasartes.com.br>.

Figura 1



Print da Página principal do site Historiando Artes

Fonte: Site “Historiando Artes” - host: <www.historiandoasartes.com.br>

Criado e administrado pelo próprio professor, no site é possível ainda

conhecer um pouco da história do curso e seus objetivos, como

propiciar um estudo sobre as diferentes manifestações artísticas ao longo da história da humanidade, promovendo pesquisas, discussões e vivências nos campos das artes. Assim, palestras, pesquisas de campo com visitas técnicas, além de programação cultural fazem parte do programa das aulas que são semanais e com duração de um semestre.²¹⁷

Há 28 anos no magistério, o professor Carlos possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística com habilitação em História da Arte pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), pós-graduação em História Antiga e História do Rio de Janeiro pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e História da Arte Sacra pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

Podemos dizer que as aulas do curso “Historiando as artes” realizam um diálogo entre o contexto histórico (levando em consideração os aspectos políticos, sociais e culturais) e as diversas formas de expressões artísticas produzidas no período abordado. Junto aos saberes que mobiliza (TARDIF, 2014; CONFORTIN, 2014), o professor também utiliza recursos tecnológicos, como o uso constante do notebook e do *datashow*²¹⁸ e um mouse sem fio para acessar o computador e seus arquivos à distância. Nas aulas que prepara, realiza leituras de textos das apostilas que disponibiliza no site, assim como vídeos documentários e filmes com temáticas históricas, traçando análises com a turma de diversas imagens que podem ser de esculturas, de pinturas, arquitetura, vasos, instrumentos musicais ou de guerra, ou outros objetos, de acordo com o tema estudado.

A fotografia abaixo é um exemplo do encaminhamento metodológico do professor Carlos, cujo registro foi realizado no dia 05 de julho de 2018 em uma aula sobre a sociedade medieval e a arte gótica. Ao explicitar a diferença entre os modos de representação da figura humana na escultura, o docente colocou duas imagens para estudo e comparação: a primeira é o “Gaulês Moribundo” em mármore, uma cópia

²¹⁷ Os trechos utilizados aqui foram retirados do site do projeto e o texto está disponível em: <<http://historiandoasartes.com.br/historiando-arte/o-curso/>> Acesso em 27.05.2018

²¹⁸ Esses materiais são próprios do professor e não cedidos pela prefeitura nem pelo espaço de realização dos cursos.

romana de um original de bronze, de Pérgamo, localizada no Museu Capitólio, em Roma, datada de 230-220 a.C., situada no período helenístico; e a segunda é a “Efígie do cavaleiro de Swaggering”, de William de Valence, localizada na Abadia de Dorchester e datada de 1282.

Figura 2

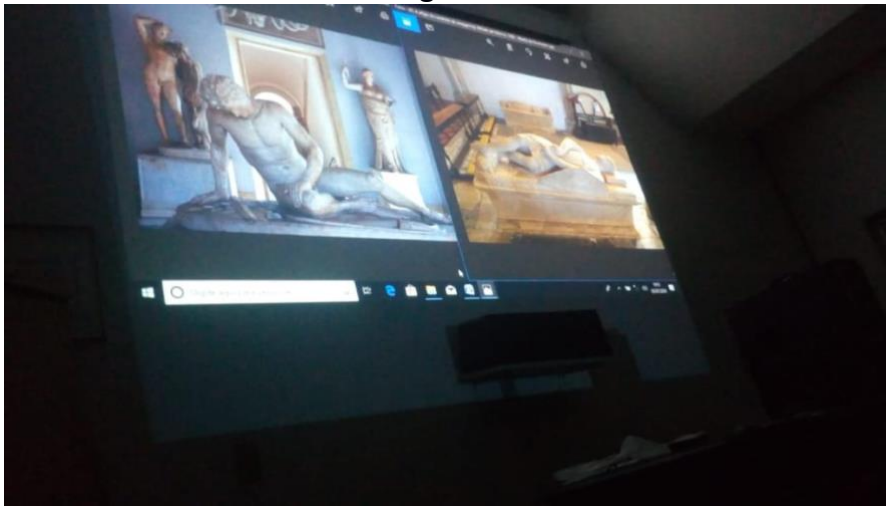


Foto da aula do Professor Carlos Medeiros.
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Data da foto: 05/07/2018.

A imagem abaixo é da mesma aula e das mesmas esculturas acima, contudo o intuito aqui é mostrar o professor durante sua explicação e a conversa com seus alunos.

Figura 3

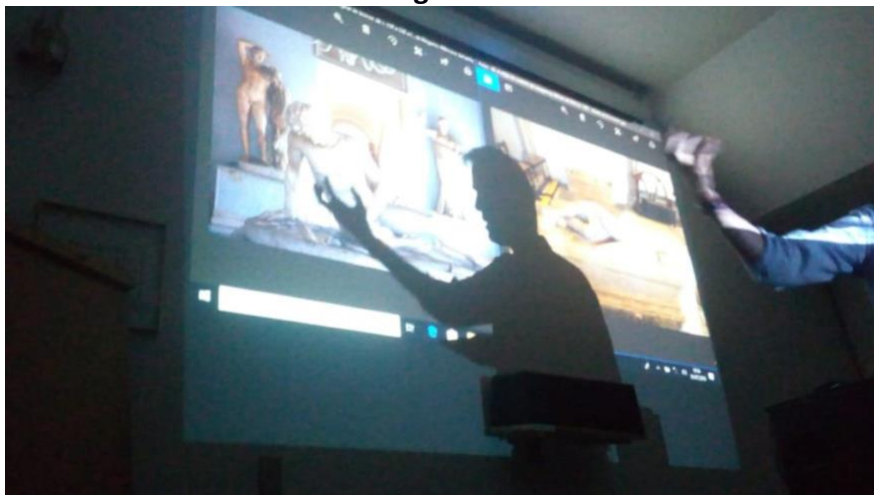


Foto da aula do Professor Carlos Medeiros.
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Data da foto: 05/07/2018.

É interessante notar, como um traço marcante do formato do curso, como o estudo do passado, é promovido pelas expressões artísticas feitas pela humanidade em cada período da História. Ao trazer elementos que, na maioria das vezes, provêm de domínio público, o professor corrobora para uma aproximação entre os alunos e a História a partir de uma perspectiva que vai além da acumulação de conhecimentos – ele produz presença.

Produção de presença: indo além da interpretação

Para entender o que é a concepção de presença na perspectiva de Hans Ulrich Gumbrecht (2010), precisamos partir da distinção que o autor efetua entre os conceitos de “cultura de sentido” e “cultura de presença”. Segundo o teórico alemão, o primeiro ponto a ser assinalado é que numa cultura de sentido a autorreferência humana é o pensamento, a consciência, já numa cultura de presença é o corpo. O segundo aspecto a ser frisado é que o mundo é composto apenas por objetos materiais, sendo, nesse caso o ser humano excêntrico ao mundo numa cultura de sentido, enquanto que, para a cultura de presença, o corpo do ser humano comunga com o mundo espacial e físico.

Assim, em uma cultura de sentido a dimensão primordial é o tempo, visto que existe uma relação entre a consciência e a temporalidade: é necessário tempo para concretizar ações transformadoras. Na cultura de presença, porém, o espaço é a dimensão que se estabelece em torno dos corpos e no qual se negocia a correlação entre os diferentes seres humanos e as coisas do mundo. Ambas são estruturas complexas e, do mesmo modo que os objetos culturais, podem apresentar componentes intercambiantes.

É mister ressaltar, porém, que vivemos em uma cultura de sentido, cujos fenômenos culturais estão mais ligados à consciência do que ao corpo, cabendo aqui a pergunta: como é possível, então, que surjam fenômenos de presença? Para responder a esse questionamento, Gumbrecht recorre aos escritos do historiador

alemão do pós-guerra, Reinhart Koselleck (1923-2006), para entender essa interpretação do mundo acerca da temporalidade.

Reinhart Koselleck (2006) em sua pesquisa sobre a história dos conceitos pôs em evidência que a ideia de um tempo propriamente histórico surgiu junto ao conceito moderno de “História” na passagem do século XVIII para o século XIX. Antes disso, não havia uma ruptura com o passado, as vivências já adquiridas iriam se repetir no futuro: um camponês na Idade Média, por exemplo, teria uma vida semelhante aos de seus antepassados (KOSELLECK, 2006, p.314). Essa percepção se alterou com a Primeira Revolução Industrial e a Revolução Francesa em que a aceleração das transformações alterou a compreensão do tempo e da história.

Nesse novo contexto, a concepção do espaço de experiência coube às vivências das gerações recentes, sendo o presente um curto espaço de transição. O horizonte de expectativas passou a indicar um futuro aberto de múltiplas possibilidades, apontando certa liberdade de escolha para as pessoas decidirem seu rumo de vida. Essa nova visão de mundo buscou associar a ideia de história à noção de progresso, voltada para a transformação ativa do mundo. Hans Ulrich Gumbrecht nomeia essa concepção de tempo como “cronótopo historicista” e afirma que ela também já terminou. Seu processo de decomposição se intensificou durante a Segunda Guerra Mundial e acabou dando início a um período de latência, onde esse cronótopo não tinha se desintegrado totalmente, ao mesmo tempo em que surgia uma nova forma de construir socialmente o tempo:

Nesse novo cronótopo, no qual estamos inseridos, o passado não fica mais para trás, vivemos um presente amplo, cheio de simultaneidades e um futuro fechado, repleto de ameaças. Hoje sentimos cada vez mais que o nosso presente foi expandido, pois agora está rodeado por um futuro que não conseguimos mais ver, ter acesso ou escolher, e por um passado que não conseguimos deixar para trás (GUMBRECHT, 2015, p. 48).

A emergência do cronótopo historicista entre o fim do século XVIII e o início do século XIX despontou com determinados princípios epistemológicos que “colocaram entre parênteses a dimensão da presença” (GUMBRECHT, 2016, p. 161). Todavia, no

cronótopo atual estamos cada vez mais caminhando para a possibilidade de tornar possível novamente a dimensão da presença. A produção de presença delineada por Hans Ulrich Gumbrecht ressalta que existem eventos e processos em que se inicia ou se intensifica o “impacto dos objetos ‘presentes’ sobre corpos humanos” (2010, p. 13).

Esse desejo de presença é percebido como uma reação ao mundo cartesiano e historicamente específico em que vivemos, baseado, principalmente, na produção de sentido. O que acaba gerando uma ânsia pela presentificação de um passado, o qual não se pode mais cheirar, ouvir ou mesmo tocar. Isso nos leva a pensar de que maneira nos relacionaríamos com determinados objetos históricos, se os encontrássemos em seu tempo.

O autor identifica que, com relação à História, estamos num momento em que não queremos deixar o passado em uma posição de não alcance, mas ansiamos por sermos afetados novamente por ele, isso demonstra a emergência de um novo cronótopo. Tal acepção não advoga o fim da interpretação nem do sentido, visto que seria improvável ou mesmo impossível basear uma sociedade somente nos efeitos de presença ou ainda vislumbrar uma escrita da História sem a interpretação e o significado.

Diante da possibilidade de uma leitura apressada e uma interpretação imprecisa, Gumbrecht enfatiza que sua obra não constitui um manifesto contra a hermenêutica, o que ele defende é a necessidade de uma conexão com o material e a (re)ligação com o mundo, e, para se alcançar esse intento seria preciso a coexistência entre os efeitos de significação e de presença, numa sensação de materialidade conjugada ao conhecimento humano.

Em sala, o professor pode utilizar-se dessa oscilação entre os efeitos de presença e os efeitos de sentido, construindo junto ao aluno uma aula que não se limite apenas à transmissão de conteúdos, mas que favoreça o processo de ensino-aprendizagem. Gumbrecht alega que uma de suas maiores preocupações como professor era fazer com que seus alunos pudessem sentir momentos específicos de intensidade. Além disso, afirma ainda que os professores precisam trabalhar com a tensão entre presença e sentido em suas aulas, sendo que a “principal tarefa do

professor, em aula, consiste em manter tais reações à superfície e em canalizá-las para uma conversa, entre os alunos, que vá para além do que uma reação individual” (GUMBRECHT, 2010, p. 161-162).

A presença de uma História Pública no Ensino de História

Falamos como o Ensino de História se configura em uma atividade histórica que tem por objetivo alcançar o público e fazê-lo se relacionar com o passado, o presente e o futuro. Apresentamos a ideia de Produção de Presença que tem a ver com a materialidade dos corpos, dos objetos e do mundo, sendo uma maneira de entender e experienciar a realidade por meio dos sentidos, ou seja, do toque, da fala, da audição, da visão e do paladar: é o sentir, relacionado a vivenciar, experimentar sensações, sendo uma forma de aprendizado.

Para visualizar nossa abordagem selecionamos alguns trechos das aulas do professor Carlos para entender essa relação entre a dimensão pública capaz de surgir junto à presença, no Ensino de História. O trecho a seguir é de uma aula que ocorreu no dia 15 de março de 2018, cuja temática era a sociedade e arte mesopotâmica.

Imagina você se deparar com isso daqui, não é verdade? Olha o quanto de expressividade, não é? Inclusive isso é uma característica da estatuária mesopotâmica, um dos cânones: [...] os olhos sempre arregalados, bastante expressivos, porque eles acreditavam que os olhos eram a janela da alma, através dos olhos você poderia enxergar a pessoa. É um entendimento bastante verdadeiro porque o olhar diz muito, não é verdade.

Figura 4



Estátua de alabastro do intendente Ebih-il da antiga Mesopotâmia, do templo de Ishtar em Mari, cerca de 2400 a.C.²¹⁹

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 5



Estátua de alabastro do intendente Ebih-il da antiga Mesopotâmia, do templo de Ishtar em Mari, cerca de 2400 a.C., vista por outro ângulo.²²⁰

Fonte: Arquivo pessoal da autora

²¹⁹ A imagem é a mesma utilizada em sala, ela foi cedida pelo professor para este trabalho, mas também está disponível em: <https://br.pinterest.com/carolinacasarino/o-vestu%C3%A1rio-na-mesopot%C3%A2mia/> Acesso em: 03.11.2018

²²⁰ Idem

Figura 6



Foco nos olhos da estátua de alabastro do intendente Ebih-il da antiga Mesopotâmia, do templo de Ishtar em Mari, cerca de 2400 a.C.²²¹
 Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na fala e nas imagens acima, o professor se refere a uma estátua de alabastro do intendente Ebih-il da antiga Mesopotâmia, do templo de Ishtar em Mari, cerca de 2400 a.C., escavado por André Parrot, 1934-1935 e atualmente no Museu do Louvre. Ele deu um zoom na imagem, destacando os olhos. Logo em seguida se lembrou de uma estátua de São Miguel Arcanjo na Igreja de São Sebastião, localizada no Rio de Janeiro e mostrou as fotos para a turma. Logo, a imagem gerou comoção nos alunos e o professor explicou o motivo de trazê-las junto à discussão:

São Miguel Arcanjo (Alunos: Ih bonito, lindo) [...] de todas as imagens é a mais bonita dessa igreja (Ai que lindo!). [...] O olhar de São Miguel Arcanjo é tão impactante que todas as vezes que eu vou lá eu fico no mínimo desconcertado. Isso aqui não dá conta [...] (Muito lindo), pena que essa foto não tá legal (Parece que tá vivo). É impressionante (É uma expressão preocupada). Ele olha de uma tal forma, lógico que é uma imagem, mas eu fico tão impactado que eu fico sem graça com a imagem. A foto não faz jus, mas é linda! (Comentários dos alunos). Olha como é que é a expressão dele! [...] (Lindo). A palavra é desconcertado, mas é um incomodo de atração

²²¹ A imagem é a mesma utilizada em sala, ela foi cedida pelo professor para este trabalho, mas também está disponível em: <https://br.pinterest.com/carolinacasarin/o-vestu%C3%A1rio-na-mesopot%C3%A2mia/> Acesso em: 03.11.2018

[...]. Inacreditável, eu repito a foto não faz jus, você tem que ir. De todas as imagens dessa igreja, essa que fica. É linda essa imagem e esse São Miguel Arcanjo, eu não conheço nada mais impactante do que esse São Miguel Arcanjo da Igreja de São Sebastião. Isso é só um parêntese pra poder relacionar como impacta, essa é uma peça, um objeto, mas eu quis dizer o quanto isso me mexe, me incomoda. (Fala do Professor. Notas de campo, 2018).

Figura 7



Estátua de São Miguel Arcanjo na Igreja de São Sebastião.

Fonte: Fotografia de Carlos José Bernardo de Medeiros, cedida pelo mesmo para este trabalho.

Figura 8



Estátua de São Miguel Arcanjo na Igreja de São Sebastião.

Fonte: Fotografia de Carlos José Bernardo de Medeiros, cedida pelo mesmo para este trabalho

As duas imagens apresentadas, a do intendente Ebi-il e a do São Miguel Arcanjo, mesmo sendo de períodos e contextos distintos guardam relação através dos olhos. Reconhecendo que a figura de São Miguel Arcanjo é uma obra material vemos o envolvimento que o professor estabelece com a mesma. Não se trata de uma experiência voltada para o religioso, mesmo que se trate de uma figura sacra, o “incômodo” ocorre a partir da expressão da peça. O olhar que ela dirige àqueles que se aproximam dela fez com o professor ficasse “desconcertado” – sentimento que pôde ser contado posteriormente a seus alunos como uma experiência que o marcou, sendo compartilhado pelos alunos ao vislumbrar a foto.

Aqui encontramos um fenômeno de produção de presença, pois, no trecho acima, a narrativa demonstra que, ao vivenciar esse encontro com a estátua, não houve a intenção de uma interpretação da mesma. Em outras palavras, mesmo tendo o conhecimento para explicitar informações sobre ela, seu contexto de produção ou sua relação com o presente, o professor não procura lhe atribuir um sentido, mas ser tocado pela obra, mesmo que esse momento tenha ganhado significação posterior.

Mais do que isso, ele convida os alunos a ter esse encontro com o objeto e vivenciar um momento de encantamento, deixando-se afetar pela obra.

O professor demonstra que sua ligação com a História ocorre mediante sua relação com as obras que perpassam pelo tempo e chegam até nós de outras épocas. Nesse sentido, a História Pública nos permite perceber o passado como “herança comum a todos” (ALBIERI, 2011, p.21). Com o conhecimento de práticas, de costumes e da cultura de séculos atrás, podemos dizer que o acesso a esses costumes “evoca a ideia de acesso irrestrito, isto é, de um conhecimento histórico franqueado a todos” (ALBIERI, 2011, p.19). Para explicitar a relação entre a História Pública e o Ensino de História traremos um trecho da aula do professor Carlos que ocorreu no dia 21 de junho de 2018, no qual ele conta para a turma sobre sua formação continuada e traça uma ligação entre ela e o que tem discutido em sala:

Eu cheguei a comentar com vocês que eu terminei a Pós em História da Arte Sacra, lembram? Na Faculdade de São Bento. E agora eu estou entregando o trabalho de conclusão de curso. E o meu trabalho foi as imagens da Igreja da Santíssima Trindade do Flamengo, na rua Senador Vergueiro. E eu fiz exatamente essa leitura, porque a igreja é muito simples, o interior dela é muito limpo, muito despojado. O que você tem são as imagens que o acompanham da entrada ao Altar Mor. E elas estrategicamente foram colocadas justamente para dialogar com o fiel [...] Ela é uma igreja recentíssima, data dos anos 40 do século passado, mas ela traz esse eco medieval, aqui, na cidade do Rio de Janeiro. Então eu vou fechar a aula com ela. Ela não tem a ver mas ao mesmo tempo se relaciona, eu acho legal a gente falar sobre isso. Até para não ficar tão distanciado porque a gente está falando de Europa, Alemanha, França. E o que isso nos diz? Isso nos diz que aqui em casa, na cidade do Rio de Janeiro a gente guarda relação com isso, com esse passado.

A aula abordava o estudo sobre a Idade Média e em seu final o professor comentou sobre seu trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação que focou em uma igreja ²²² na cidade do Rio de Janeiro. Como se falou muito sobre igrejas medievais europeias nesse dia, ao trazer para o debate em sala a sua pesquisa sobre a Igreja da Santíssima Trindade, cuja arquitetura é semelhante e inspirada nas igrejas

²²² A Igreja da Santíssima Trindade fica localizada na Rua Senador Vergueiro, 141, Flamengo e foi inaugurada em 11 de janeiro de 1945.

dos séculos iniciais do medievo, sua fala demonstra a iniciativa em fazer com que seus alunos se sintam parte dessa história que foi tão discutida junto à turma.

De acordo com Sara Albieri (2011), existe uma preocupação dos professores no modo como a história é ensinada e, além disso, de despertar o interesse dos alunos para o que está sendo estudado, o que pode influenciar no decorrer de uma aula e permitir uma aproximação entre eles e a história. A prática histórica presente no contexto de sala de aula está ligada não somente aos conteúdos em si, mas as discussões e debates atuais, ela “condicionaria o modo próprio do homem de estar no mundo” (ALBIERI, 2011, p. 26). Fazer essa relação demonstra não somente a significância de se estudar história, mas que ela ocorre diariamente e que o aluno é um agente histórico.

Para conversar com os trechos das aulas, realizamos entrevistas com alguns alunos do curso. Para este texto selecionamos a fala de Rosângela Silva de Andrade Braga. Aluna, aposentada, mãe e esposa, Rosângela gentilmente nos respondeu acerca de sua história, sua escolha em estudar no “Historiando as Artes” e sua perspectiva sobre as aulas, do trabalho do professor e da História. No trecho a seguir, ela comenta sobre as visitas guiadas realizadas pelo docente às sextas-feiras, que fazem parte do curso “Historiando Igrejas” do Rio de Janeiro:

Eu acho que é outro espaço de convivência também rico, uma forma de aprender saindo dessa coisa de quatro paredes. Acho que amplia ainda mais essa coisa de você poder aprender de uma forma mais descontraída em contato direto com o objeto estudado, como é o caso das Igrejas que a gente visita, vê as imagens, a arquitetura, e pode tocar, além do contato com outras pessoas. Eu acho que isso também amplia o conhecimento.

Assim como na fala do professor sobre sua experiência junto à figura de São Miguel Arcanjo, Rosângela também percebe a diferença entre um estudo pautado apenas na atribuição de sentidos e significados e um estudo que permite a oscilação entre a presença e o sentido. Em suas palavras vemos como a materialidade e o convívio com objetos e elementos que possam estar próximos ao toque e à visão

podem produzir uma presença do passado que o torne “mais real”, palpável à assimilação e ao entendimento.

A presença aparece como um impacto gerado pelo objeto sobre o professor, como mostra sua narrativa, bem como na fala de sua aluna, em que vemos a relação da presentificação de um passado junto ao estudo que ela realiza ao visitar as igrejas, conforme exemplificou. Em ambos os casos o que temos é a ideia de ligação com determinados objetos históricos, frutos de um passado que é nosso e que está constantemente a nos rodear.

A presença desses objetos (e do contato entre eles e os indivíduos) ocorre, porque eles estão muito disponíveis e abertos ao público, são um patrimônio. Quanto à relação entre presença e público, podemos descrever a produção de presença como “conhecer, entender e experienciar o mundo” através da sua relação física com os objetos que nele se encontram. Esse vínculo faz com que a História seja pública, ou seja, possa desenvolver um senso sobre o passado, fazendo refletir sobre ele e sua ligação com o presente, sem escapar ao compromisso social e acadêmico. O curso “Historiando as Artes” detém o comprometimento com o acesso à História, refletindo sobre os “ecos do passado”²²³ na contemporaneidade. Os estudos são indissociáveis da relação temporal entre passado e presente, como podemos perceber num outro trecho da entrevista com Rosângela:

Eu trabalhei com Recursos Humanos durante muitos anos e é forte em mim essa coisa de me importar com o outro, ter um bom convívio. Assim, o curso está acrescentando muito principalmente com o olhar de mundo que tenho. Na aula de hoje, por exemplo, quando a gente olhou a pintura A Anunciação e o Carlos disse assim: o que vocês estão vendo aqui? Conseguimos através do olhar do artista visualizar algo tão real, tão próximo do que de fato acontece no cotidiano, por exemplo. Aí me fez lembrar de uma fala do Papa Francisco num documento recente, *Gaudete Et Exsultate*, se você quiser posso te mostrar, é bem interessante. Ele fala do chamado à santidade no mundo atual. Antes a gente ouvia falar de santidade como algo muito distante, próximo apenas do divino. Ainda usamos expressões: não sou santo, isso é para os santos... e o Papa traz exatamente o contrário. Todos podem e devem buscar a santidade

223

Essa expressão é do próprio professor Carlos.

em seu cotidiano. Nesse momento, por exemplo, no qual você me entrevista para um trabalho da faculdade, podemos estar buscando a santidade juntas fazendo o que nos propomos, com amor. Bem, hoje em algum momento, a aula do Carlos me remeteu a essa fala do Papa Francisco e a esse tema. O que mostra que a história do Brasil e do mundo não tá longe da gente. Eu faço parte dessa história vivendo o meu cotidiano. Como pessoa comum posso contribuir com a história que está sendo escrita aqui e agora.

Questionada sobre sua percepção sobre a relação entre sua vida, as discussões feitas em aula e a História, Rosângela nos narra acerca de uma aula em particular e como ela a fez relacionar passado e presente, concebendo ainda sua posição diante da História e reconhecendo-se enquanto uma agente histórica. Essa constatação por parte da aluna vai ao encontro do que afirma Jill Liddington (2011) em “O que é História Pública? Os públicos e seus passados”, no qual sugere que a História Pública tem grande importância nos dias de hoje, devido à popularização das representações do passado. Uma vez entendido esse “papel histórico”, o aluno passa a perceber que a história se encontra próxima de sua realidade.

As manifestações do historiar fazem parte do cotidiano e podem ser encontradas nos fenômenos da presença dentro da nossa cultura de sentido, estando os seus efeitos rodeados e envoltos por nuvens de significado. Sendo assim, como vimos por meio dos trechos das aulas e do testemunho de uma de suas alunas, a aula do professor Carlos comporta fenômenos de presença que, mediados pelos sentidos que ele e seus alunos conferem ao passado, constroem um estudo sobre a História que vai além da sala de aula e envolve trocas, conhecimentos diversos, encontros e vidas.

Conclusão

Em uma sociedade que enxerga na interpretação da temporalidade a forma primordial de entender a vida e se relacionar com a realidade, a noção de presença nos reportaria a uma relação não unicamente temporal, mas espacial com o mundo e seus objetos. Ao nos reportamos ao Ensino de História o pensamento não seria diferente: qual a utilidade de estudar tal conteúdo? Esses objetos pertenceriam a qual

período, para que serviriam? Por que pintaram aquele quadro? Com que intuito fizeram aquela escultura? E, assim por diante, o professor buscaria proporcionar ao aluno o direcionamento para que este estabeleça relações de sentido entre as obras de arte e a sua visão de mundo, percebendo-se como agente pertencente à História. O que está em jogo é a superação do *cogito* cartesiano em direção ao que Edward Thompson (1981) sugere: que não somos seres unicamente racionais, mas atravessados por forças que perpassam o nosso corpo e os nossos sentimentos e que constituem o nosso repertório de “cultura de presença”. Em outras palavras, somos seres dotados de pensamento, mas “também temos fome e ódio, adoecemos ou amamos” (THOMPSON, 1981, p. 27).

A História acontece e é formada por seres humanos que se tornaram presença por suas iniciativas, que marcaram suas histórias, no coletivo e/ou individualmente. Sendo assim, acessar essas histórias não é um processo exclusivamente mental, mas também fundamentalmente sensorial. A aula de História possui em si a potencialidade de produzir esses momentos únicos e intensos, que nos marcam e que serão posteriormente fruto de memórias e criações de significado.

O curso “Historiando as Artes”, como vimos, por seu formato e proposta, nos oferece o estudo de uma História que é pública e se faz presença através de um ensino diferenciado que combina trabalho criterioso de pesquisa e disponibilização intelectual e afetiva dos alunos. Essa sensibilização dos discentes para o valor histórico dos objetos históricos apresentados só é possível, uma vez que a sala de aula é ampliada bem como a sua percepção estética, produzindo proximidade entre os alunos e os artefatos que podem ser vistos, tocados e associados a outros elementos atuais. A produção de presença estaria ligada, portanto, a uma forma diferente de nos relacionarmos com o Ensino de História e com o mundo, permitindo-nos uma experiência com a História Pública a partir do contato com os elementos de uma História que é igualmente humana, coletiva e individual. A sua importância parte de nossa necessidade de nos reconectarmos com a materialidade do mundo e dos indivíduos, pois “pensamento e ser habitam um único espaço, que somos nós mesmos” (THOMPSON, 1981, p. 27).

Referências

ALBIERI, Sara. História Pública e Consciência Histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (org.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 19-28.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de Oliveira. **História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”**. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social (ANPUH Brasil). Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013.

CONFORTIN, Renata. **Saberes e sabores da docência: O que move o professor de Biologia na/para a sala de aula?** (Dissertação de mestrado). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado**. História da historiografia. Ouro Preto, número 03. Setembro de 2009, p. 10-22. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/68>> Acesso em 12 de outubro de 2018 às 20h.

_____. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2010.

_____. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**, tradução Ana Isabel Soares. I ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. **Serenidade, presença e poesia**: Seleção e Tradução de Mariana Lage. Belo Horizonte, MG: Relicários Edições, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **Estratos do tempo: estudos sobre a história**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? Os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (org.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31-50.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. Título original: *The Poverty of Theory*.

Data de envio: 10/09/2018

Data de aceite: 08/11/2018